



Análise da crônica “Meninos eu vi”¹

Vanessa Brasil de Carvalho²

Universidade Federal do Pará, PA

RESUMO

Esta análise se propõe a estudar as estratégias enunciativas presentes na crônica “Meninos eu vi” do jornalista e cineasta Arnaldo Jabor. Dessa forma, pretende-se entender a relação estabelecida entre o autor e seu leitor, e identificar a aplicação e a função dos conceitos Bakhtinianos no objeto de estudo. O trabalho está dividido em três capítulos: fundamentação teórica, onde estão explicados os conceitos de Bakhtin utilizados na análise; contexto histórico, onde as condições de produção do objeto analisado são consideradas, assim como informações sobre seu autor; e a análise em si, relacionada com os outros capítulos.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin, dialogismo, intertextualidade, polifonia, crônica

Apresentação

A escolha do gênero jornalístico crônica se deve ao fato de que os conceitos estudados de Mikhail Bakhtin se referem, principalmente, a enunciado/texto e, também, ao grande alcance da crônica entre o povo brasileiro. A circulação diária em jornais, revistas e TV é uma causa para essa familiaridade da população com esse gênero, além da linguagem simples e direta que o caracteriza.

O texto curto e conciso é, normalmente, um comentário subjetivo sobre os fatos do cotidiano. O conteúdo é, portanto, bastante variado e de linguagem quase coloquial, o que estabelece uma relação mais próxima com o leitor. Esse diferencial é consequência do hibridismo da crônica, uma espécie de jornalismo com tratamento literário. E essa liberdade resulta na intervenção intencional do sujeito-autor na construção textual e produção de sentido. (Cláudia Jakubowski, 2006)

Dentro dessa intervenção, podem ser notados exemplos da teoria do lingüista russo, e esses foram retomados e explicados no trabalho. Bakhtin escreveu obras de grande importância no que se refere à citação, polifonia e discurso, como *Marxismo e*

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da FACOM-UFPA, email: vanessabr_carvalho@yahoo.com.br



Filosofia da Linguagem (1929) e *Problemas da Obra de Dostoiévski* (1929), a primeira publicada inicialmente como autoria de V. N. Volochínov.

Fundamentação Teórica

Segundo Carlos Alberto Faraco (2005), “dentre todos os filósofos que puseram o foco de suas reflexões na interação, foi Bakhtin o que mais avançou em termos de uma análise da linguagem.”

O lingüista Mikhail Bakhtin, nascido em 1895, estudou na Universidade de São Petersburgo, de onde obteve o diploma em História e Filologia em 1918. O linguísta russo pertencia ao grupo de intelectuais e artistas que ficou reconhecido como “círculo de Bakhtin”, dentre os quais V. N. Volochínov e P. N. Medviédiev, seus discípulos.

Ele abordou temas de valor para os debates semióticos contemporâneos, como a dialética do signo. Segundo Roman Jakobson (Bakhtin, 2006, p. 10), Bakhtin dizia que, na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, constituídos de pares indissolúveis e solidários, como enunciação e enunciado.

A sua crítica a Saussure e aos excessos do estruturalismo, tornaram sua obra cinquenta anos mais avançada, pois estão de acordo com as orientações da linguística moderna. Para ele, a língua é um fato social construído a partir da necessidade humana de comunicação. No entanto, ao contrário de Saussure, o linguísta valoriza a fala e a enunciação, conferindo às mesmas uma natureza social. (Bakhtin, 2006, p. 14)

Por isso, a grande ênfase ao discurso de outrem. Segundo o lingüista (2006, p.156), o estilo linear de citação do discurso de outrem cria contornos nítidos no discurso citado. Porém, a língua possui meios mais sutis de inserir o discurso de outra pessoa. Quando o contexto narrativo atenua as fronteiras desse discurso estranho, tem-se o estilo pictórico, no qual o próprio discurso é mais individualizado.

Então, o discurso de outrem é um discurso no discurso ou uma enunciação sobre uma enunciação. Isso porque a fala de uma pessoa pode integrar o discurso de outra como uma parte integral de construção, e com autonomia estrutural e semântica em relação ao seu corpo original. Mesmo assim, não há alteração na ordem lingüística do texto que a integrou.

Já o dialogismo é definido, com base em Bakhtin, por Adail Sobral (Brait, 2005, p. 106), de três maneiras distintas: como princípio geral do agir (pois só se age para



contrastar com os outros sujeitos, e o enunciado deve dirigir-se a alguém); como princípio da produção dos enunciados/discursos (pois advém do diálogo com outros enunciados/discursos); e como forma específica de composição desses enunciados/discursos (opondo-se ao monologismo, embora, nas concepções do lingüista, esse seja inexistente).

No que se refere á forma específica de composição de enunciados/discursos como maneira de se opor ao monologismo, tem-se o aspecto da interação verbal, pois é essa interação que contrasta com a “transmissão de mão única”, o monologismo. Nesse caso, o centro da interlocução está no texto, como espaço interacional entre o enunciator e o enunciatário, é onde ambos se encontram e interagem. A partir dessa interação, contrária ao discurso único do monologismo, o sujeito-autor perde o papel central dentro do texto e é substituído por diferentes vozes sociais, que o tornam um sujeito histórico e ideológico. (Diana Barros, 1999, p. 3)

Já em relação à produção de enunciados/discursos por meio do diálogo com outros textos, caracteriza-se aí a intertextualidade, na qual as diversas vozes presentes em outros discursos “conversam entre si” em um outro enunciado distinto dos demais. Esse aspecto do dialogismo pode ser confundido com a polifonia, um conceito de enorme importância dentro da obra de Mikhail Bakhtin.

Entretanto, do ponto de vista do dialogismo, a polifonia é a diversidade de manifestações discursivas em um contexto enunciativo (Irene Machado, In. Beth Brait, 2005, p. 164). É a convivência e interação, em um mesmo espaço, de várias vozes e consciências independentes entre si, e que não são subordinadas ao discurso do autor. Elas são sujeitos dos próprios discursos, possuem autonomia em relação à estrutura da obra e se combinam com as vozes de outros personagens e do autor.

Além disso, a posição do autor como regente dessas vozes que participam do processo dialógico também é uma característica polifônica, pois ele as cria e recria mais não tem “autoridade” sobre as mesmas. Isso é o que o lingüista identifica como mudança da posição do autor em relação às pessoas representadas. (Paulo Bezerra, In. Beth Brait, 2005, p.194).

Por isso, o autor do romance polifônico não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e a sua frente como ‘consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis’ como as dele, autor. (PAULO BEZERRA, In. BETH BRAIT, 2005, p.195)



Há, dessa forma, uma libertação do indivíduo em relação à consciência do autor, e essa autoconsciência da personagem ajuda a construir a nova posição do seu inventor. Ele passa, então, a ter uma posição distanciada, devido à autonomia conferida a “voz”. Bakhtin, porém, não nega o papel do autor no processo polifônico e nem lhe reserva uma função secundária. Para ele, o autor tem um ativismo de caráter dialógico especial, vinculado à consciência do outro, um ativismo que interroga, provoca, responde. Então, se estabelece uma relação dialógica entre a consciência criadora e a recriada, uma relação de reciprocidade inteiramente nova entre a “minha” verdade e a verdade do “outro”. (Paulo Bezerra, In. Beth Brait, 2005, p. 199)

Nesse contexto, Bakhtin diferencia autor-pessoa de autor-criador. O primeiro é o escritor, o artista, enquanto que o segundo é a função estético-formal da obra. É o último que estabelece uma relação axiológica com o “herói” e o mundo por meio de distância ou proximidade, aplauso ou sarcasmo, crítica ou reverência. E é a partir dessa relação, desse posicionamento valorativo, que o autor-criador construirá o herói, o mundo e o seu acabamento estético.

É o autor-criador quem dá forma ao conteúdo, recorta-o e reorganiza-o. Há, portanto, um processo de transposição da vida para a arte, que ocorre, também, com aspectos valorativos. Isso porque o criador é uma posição refratada (devido ao recorte dado pelo autor-pessoa) e refratante (porque é por meio dele que se recorta e ordena esteticamente a obra). (Carlos Faraco, In. Beth Brait, 2005, p. 38-39)

Quanto à carnavalização da literatura, Bakhtin a caracteriza como à transposição do carnaval para a literatura. Ou seja, a noção de mundo diferente, aproximação de opostos, acontecimentos incomuns ou ruptura com o que é institucionalizado. (Lina Arão, 2007)

Isso acontece em decorrência da ambigüidade e duplicidade dos diversos enunciados, uma vez que a palavra não é neutra. Assim ocorre a reformulação do real, e o último passa a ser observado de outra maneira, por meio de uma metamorfose da realidade. Como acontece no tradicional carnaval. (Enilda Pacheco, 2007)

Um recurso lingüístico que, normalmente, concede essa ambigüidade aos enunciados são as aspas. Elas, ainda, conferem o distanciamento do autor em relação ao que é exposto e delimita o discurso linear, a fala de outra pessoa. Muitas vezes, ocorre uma ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso em destaque, que está marcado pelas aspas, para que seja evidenciada a presença de outro enunciatador. Ao



mesmo tempo, isso confere credibilidade ao enunciado. (Nilza Ribeiro e Ana Carmelino, 2006)

O lingüista distingue dois tipos de gêneros discursivos: os primários (da comunicação cotidiana) e os secundários (da comunicação produzida a partir de códigos culturais elaborados, como a escrita). Os últimos são formações complexas porque são construídas a partir da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte e a política. O romance e os gêneros jornalísticos são exemplos de gêneros discursivos secundários. (Irene Machado, In Beth Brait, 2005, p. 155)

No entanto, Bakhtin diz que não há uma rígida separação entre os gêneros discursivos.

Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e assimilam os gêneros primários (simples) que se constituíram na comunicação discursiva imediata. Os gêneros primários, ao integrarem os gêneros secundários, transformam-se e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade dos enunciados alheios. (MIKHAIL BAKHTIN apud IRENE MACHADO, In. BETH BRAIT, 2005, p. 161)

A crônica está situada na fronteira entre os gêneros jornalístico e literário. É um gênero híbrido que possui elementos dos dois tipos: o tema da atualidade, relacionado com o jornalismo, e a liberdade no discurso, característica da literatura. Entretanto, o assunto é livre. Esse gênero não apenas descreve acontecimentos relacionados á arte, política, crimes e atos do cotidiano em geral, mas há uma proposta de reflexão sobre os mesmos. E, embora se concentre na atualidade, não ignora nem o passado e nem o futuro. É conhecida por sua crítica e ironia, e tem grande alcance popular devido a sua linguagem coloquial. (Enciclopédia Barsa, 2000, v. 5, p. 9)

Contexto Histórico

Arnaldo Jabor é formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), mas trabalha como jornalista desde o início da década de 1990. Já foi colunista da *Folha de S.Paulo*, e hoje escreve para o jornal *O GLOBO*. O autor é conhecido por suas crônicas, veiculadas em jornais, rádio e TV, que relatam a vida artística, política e cotidiana do país, sempre se utilizando da ironia para fazer críticas.



O tema “política” é freqüente e marcante em seus textos. No entanto, o jornalista carioca, nascido em 1940, já foi, também, cineasta. E foi a crise do cinema em 1980 o fez se dedicar mais intensamente ao jornalismo. (Barsa Enciclopédia, 2000, v.8, p. 259)

O seu espírito contestador já aparecia na estréia de Jabor como diretor de cinema, em 1965, com o curta-metragem “O Circo”. Ele tinha, então, 25 anos, mas fez uma leitura inusitada do papel social do circo, evitando lugares-comuns relacionados ao tema. Em 1967, foi a vez do documentário Opinião Pública, que também teve grande repercussão. Isso mostra como a crítica política é freqüente na obra do jornalista, tanto no cinema como em seus textos, destacando, aqui, suas crônicas e artigos.

A crônica escolhida como amostra do estudo foi publicada no jornal *O GLOBO* em de 09 de julho de 2002. *O GLOBO* teve sua primeira edição em 29 de julho de 1925, lançado pelo proprietário do jornal A Noite, Irineu Marinho. Após três semanas, no entanto, o seu filho Roberto Marinho assumiu a direção da empresa devido ao falecimento do pai. Desde então, a Rede Globo se expandiu no rádio, na TV e, mais recentemente, na internet. A sua hegemonia como grande meio de comunicação é inegável, apesar das diversas críticas, que não prejudicaram sua reputação e credibilidade. (Martha Mendonça, 2005)

No período em que o texto foi escrito, vivia-se uma instabilidade política devido à provável eleição presidencial de um candidato de esquerda: Luís Inácio Lula da Silva. Por sua trajetória de vida, sua participação com sindicalista e fundador do Partido dos Trabalhadores, não se tinha certeza da sua postura após a vitória nas eleições.

Vitória porque os candidatos da direita, não tinham força suficiente para vencer o “companheiro Lula”, como era conhecido. No entanto, ao longo da eleição, o candidato foi perdendo um pouco da sua postura rígida de esquerda-oposição. Ele passou, inclusive, a ser conhecido com “Lulinha paz e amor”. Isso porque sua característica extremada de grande crítico da economia, do desemprego, da exploração do trabalhador, se tornou mais tênue.

Desde 1989, quando perdeu sua primeira eleição presidencial para Fernando Collor de Mello, o discurso, as propostas e, principalmente, a imagem do candidato e do partido vêm se tornando menos radical e mais próxima de setores de centro.

A sua importância como símbolo de vitória foi o que predominou em sua candidatura. A história de um operário sindicalista que conseguiu chegar à presidência da República. Esse foi o foco da sua propaganda partidária. Lula seria o primeiro líder de um partido de esquerda eleito presidente, o primeiro operário e o primeiro civil sem



diploma universitário a exercer o cargo maior da república brasileira. Dessa forma, as idéias tradicionais de esquerda ficaram um tanto esquecidas, não só para a mídia, mas em seu plano de governo.

É essa mudança de posicionamento a que o Jabor se refere na crônica. Quando ele fala da “traição dos aliados, unidos contra a reforma”, ele se refere a esse esquecimento das raízes esquerdistas por parte do partido que elegeu Lula. O presidente teve que mudar para ser eleito, para que a instabilidade desse período de eleições não se tornasse uma crise de maior escala. Dessa forma, o petista chega à presidência sem assustar a direita do país, com quem fez, inclusive, coligações partidárias para a eleição.

Um exemplo disso foi a escolha do empresário José Alencar como vice de Lula. Ele teria que ser o interlocutor com os conservadores, e dar uma maior estabilidade ao governo, minimizando o receio dos grandes empresários. Daí a imagem de grande negociador do ex-sindicalista, e não o operário esquerdista ao extremo de outros tempos. (*Folha Online*, 2002)

Esse é o contexto em que foi escrito o texto escolhido como amostra, essa mudança de posicionamento e conseqüente incerteza política e social. A partir disso, Arnaldo Jabor faz sua crítica que será analisada no decorrer do trabalho.

Análise

Na crônica “Meninos eu vi”, de Arnaldo Jabor, são percebidas marcas características do autor e que remetem aos conceitos bakhtinianos. Logo o título da crônica, que é “Meninos eu vi”, já pode ser considerado dentro dessas concepções. Esse enunciado foi utilizado com bastante frequência pelo radialista Juca Pirama, personagem da novela Salvador da Pátria, e tornou-se um bordão famoso.

Esse pode ser um exemplo do estilo pictórico do “discurso de outrem” a que Bakhtin se refere. É uma enunciação de outra pessoa, que tem uma existência independente e autônoma em relação à enunciação original e está situada e outro contexto. E o estilo é caracterizado pela ausência de marcação da citação como sendo de outra pessoa.

Na telenovela, o bordão era o modo como o radialista denunciava os crimes das oligarquias de Ouro Verde (cidade fictícia). Na crônica, o sentido é semelhante. Jabor faz uso, repetidas vezes, do antigo bordão para enfatizar fatos marcantes ocorridos há



algum tempo no Brasil. Essa repetição é a aplicação da figura de linguagem anáfora, e é um recurso lingüístico-discursivo utilizado pelo autor para comentar e lembrar os fatos ocorridos. Esses, vão desde o suicídio de Getúlio Vargas até a preparação das eleições presidenciais de 2003.

Algumas falas organizam a seqüência desses eventos históricos, como “Getúlio deu um tiro no peito!” e “O Jânio renunciou!”, e ainda, o slogan propagandístico “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Todos esses pequenos enunciados são utilizados, na crônica jornalística, para identificar um determinado período da história do Brasil. Dessa forma, se estabelece uma “conversa” entre eles, reconstruindo os eventos históricos de forma simples, e um tanto irônica, com a ajuda do bordão “meninos eu vi”.

A interação entre esses enunciados pode ser entendida como uma polifonia, devido à multiplicidade de vozes e consciências envolvidas. E também, pode ser considerado como o diálogo entre diferentes textos de cultura, portanto, uma intertextualidade. No texto, o encadeamento dos acontecimentos aparece da forma que Bakhtin entende esse conceito (Diana Barros, 1999, p.4), um tecido polifônico composto por vozes que se polemizam entre si, se completam e respondem reciprocamente.

Mas a intertextualidade no interior do discurso é apenas um dos desdobramentos do dialogismo discursivo proposto pelo lingüista russo, pois o conceito é desdobrado em dois aspectos: interação verbal entre enunciador e enunciatário, e a intertextualidade.

O aspecto da interação verbal é explicitado na crônica, já que, apesar da repetição do pronome “eu”, o centro da interlocução não é Arnaldo Jabor, mas o Estado brasileiro, a nação. Isso porque apesar do autor ter presenciado esses acontecimentos, ele relata os fatos de forma a centrar o assunto na história em si, e não nele próprio. O sujeito é, então, histórico e ideológico, e não um indivíduo específico.

Nesse ponto, é interessante lembrar a diferença entre autor-pessoa e autor-criador proposta por Bakhtin. Na crônica, há um posicionamento valorativo por parte do autor-criador em relação aos acontecimentos. E esse posicionamento se confunde com o do autor-pessoa (Jabor). Há, então, uma certa fusão dos tipos de autores.

Jabor, autor-pessoa, está na posição de refratante, porque é por meio de sua relação axiológica e recorte específico da realidade que é construído o “mundo” do autor-criador. O último está em duas posições: refratada, devido ao recorte do autor-pessoa, e refratante, porque é por sua “mão” que se estabelece o recorte da realidade e



se organiza os seus eventos. É esse quem dá forma ao conteúdo, se utilizando, para isso, de várias associações e ironia.

Essa ironia é construída, no texto, principalmente, pela grande utilização de aspas. Por meio dessas, o autor confere destaque e um certo estranhamento a alguns eventos, além de se distanciar de outros. A utilização desse recurso em “diretas”, se referindo ao movimento Diretas Já, e em “milagre”, que corresponde ao Milagre econômico brasileiro, é um exemplo desse destaque irônico. Isso porque as Diretas Já não tiveram a consequência esperada, pois as eleições não foram realmente “diretas”. E o “milagre” não aconteceu para todos, e a sua maior consequência foi um aumento de grande proporção da dívida externa do país, como é ressaltado texto.

Além disso, as aspas em “aveadada” e “de quatro” são exemplos de distanciamento do autor, como uma ressalva de que essas expressões não são dele e não pertencem ao discurso jornalístico por essência. E há, ainda, algumas falas que não possuem autoria especificada, mas que, ao mesmo tempo, podem ser atribuídas a qualquer cidadão comum ou até a uma manchete de jornal. Nessas, o autor-pessoa é indefinido ou desconhecido, e a distância do autor-criador também pode ser observada. Isso ocorre em “Getúlio deu um tiro no peito!” e “Jânio renunciou!”, já citadas, e em “Não sei nada. Sou apenas uma vaca fardada!”.

No último caso, as aspas foram usadas como meio de parodiar o discurso do General Mourão Filho. Isso porque, quando o general tomou a cidade de Brasília, ele teria dito algumas palavras para justificar o golpe, mas que não foram essas reproduzidas na crônica. Essas, então, são associadas a um cidadão que “colocou palavras na boca do general”, mas não fica claro quem seria essa pessoa.

Apesar desse distanciamento, há alguns momentos em que Jabor se insere na crônica e no contexto social do país. Quando ele diz “eu entendi ali (...) que os bons tempos (...) tinham acabado” e “senti que surgia ali um outro Brasil” ele se coloca como participante da história, com expectativas e receios em relação aos eventos ocorridos e suas consequências.

Pode-se dizer que o autor se abstém em certas ocasiões de se mostrar abertamente para dar ênfase aos fatos, mas a sua presença nos mesmos não é esquecida, pois é a sua visão que é relatada na crônica e ele se insere no contexto pontualmente. A relação do autor-criador com seu leitor é, dessa forma, um tanto interesseira.

Existe um companheirismo entre eles, como entre amigos que viveram as mesmas coisas, mas há uma intenção do jornalista (autor-pessoa) por trás. A crítica é



feita por meio de relatos históricos e comparações com a atualidade que tem seu fim com uma afirmativa irônica. E nessa reside a característica da crônica de ser uma obra de momento e opinativa. “Meninos, vocês viram também, mas acho que esqueceram” é a última frase, e mostra a opinião do autor e reflete a sua relação com o leitor. Essa é quase uma pergunta para refletir, um conselho indireto para se lembrar do que eles (autor e leitor) já passaram e, provavelmente, fazer alguma coisa. Uma provocação.

Então, as estratégias enunciativas utilizadas na crônica se organizam de forma que a se fazer essa afirmativa/conselho. A ambivalência carnavalesca opera para que se faça uma releitura do mundo, por meio das expectativas assumidas pela enunciação em decorrência das variadas vozes discursivas e das novas correlações motivadas pela expressão e conteúdo.

Segundo Bakhtin (William Cereja, In Beth Brait, 2005, p. 203), “a palavra é sempre interindividual e reúne em si as vozes de todos aqueles que a utilizam ou a têm utilizado historicamente.” Daí a possibilidade de olhar o real sob novos prismas, já que as palavras não são neutras.

Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da ‘alma’, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Não se pode deixar a palavra para o locutor apenas. O autor (o locutor) tem seus direitos imprescindíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém). (MIKHAIL BAKHTIN apud WILLIAM CEREJA, In BETH BRAIT, 2005, p.203)

Considerações Finais

A crônica tem como característica promover uma reflexão sobre o assunto, que pode ser arte, economia ou, no caso, política. Ao concluir, o gênero deve oferecer um rumo ao seu leitor, provocá-lo de alguma forma. E é isso que acontece na crônica “Meninos eu vi”.

Ao fim, quando o autor Arnaldo Jabor diz “Meninos, vocês também viram, mas acho que esqueceram”, ele instiga o leitor para que esse pense sobre os acontecimentos históricos e atuais. Dessa forma, o autor o convida a olhar a realidade e a história de uma forma diferente, a partir do ponto de vista de Jabor.

Isso pode ser explicado pela concepção de Bakhtin de que a palavra não é neutra, mas interindividual. Ou seja, apesar de Jabor ter recontado a história do Brasil,



ele o fez a partir da sua visão de mundo e é isso que é passado em seu texto. Não uma cronologia neutra, mas completamente opinativa e crítica.

Pode ocorrer, então, uma reformulação do real. O leitor pode passar a olhar a história e a realidade “com outros olhos”, e ver o que antes não vira. E aí, a ambivalência carnavalesca se mostra, como um novo modo de se entender a vida.

Dessa forma, pode-se dizer que as estratégias enunciativas utilizadas na crônica foram empregadas com o intuito de passar as idéias do autor e seu ponto de vista ao seu leitor. Tanto os casos de polifonia e intertextualidade, como o distanciamento do autor e sua crítica irônica, resultaram em um texto bastante rico. O trabalho de análise pôde, então, ser realizado a partir da identificação dessas estratégias e relação com os conceitos do lingüista Mikhail Bakhtin.

Anexo

Publicado no Jornal O GLOBO - 09 de julho de 2002

Meninos, Eu Vi...

Vocês Viram Também, Mas Acho Que Esqueceram.

Arnaldo Jabor

Eu vi as empregadas gritando, a cozinheira chorando, o rádio dando a notícia: "Getúlio deu um tiro no peito!"

Eu, pequeno, imaginava o peito sangrando - como é que um homem sai da presidência para o nada?

Meninos, eu ouvi, anos depois, no estribo de um bonde: "O Jânio renunciou!"

Como? Tomou um porre e foi embora depois de proibir o biquíni, briga de galo e de dar uma medalha para o Che, eu vi a história andando em marcha a ré e eu entendi ali, com o Jânio saindo, que os bons tempos da utopia de JK tinham acabado, que alguma coisa suja e negra estava a caminho como um trem fantasma andando pra trás.

Depois, meninos, eu vi o fogo queimar a UNE, onde chegaria o "socialismo tropical", em abril de 64, quando fugi pela janela dos fundos, enquanto o General Mourão Filho tomava a cidade, dizendo: "Não sei nada. Sou apenas uma vaca fardada!"



Eu vi, meninos, como num pesadelo, a população festejando a vitória do fascismo, com velas na janela e rosários na mão; vi a capa do "O Cruzeiro" com o novo presidente da República de boné verde, baixinho, feio, quem era?

Era o Castelo Branco e senti que surgia ali um outro Brasil desconhecido e, aí, eu vi as pedras, os anúncios, os ônibus, os postes, o meio-fio, os pneus dos carros, como um filme de horror; Eu, que vivera até então de palavras utópicas, estava sendo humilhado pela invasão do terrível mundo das coisas reais.

Depois, vi a tristeza dos dias militares, "Brasil ame-o ou deixe-o", a Transamazônica arrombando a floresta, vi o rosto patético de Costa e Silva, a gargalhada da primeira perua Yolanda, mandando o marido fechar o Congresso.

Vi e ouvi Jorge Curi na TV, numa noite imunda e ventosa de dezembro lendo o AI-5, o fim de todas as liberdades, a morte espreitando nas esquinas, a gente enlouquecendo e fugindo pela rua em câmera lenta, criminosos na própria terra;

Depois, vi o rosto terrível do Médici, frio como um vampiro, com sua mulher do lado, muito magra, infeliz, vi tudo misturado com a Copa do mundo de 70, Pelé, Tostão, Rivelino e porrada, tortura, sangue dos amigos guerrilheiros heróicos e loucos, eu sentindo por eles respeito e desprezo, pela coragem e pela burrice de querer vencer o Exército com estilingues;

Não vi, mas muitos viram meu amigo Stuart Angel morrendo com a boca no cano de descarga de um jipe, dentro de um quartel, na frente dos pelotões, enquanto, em S.Paulo, Herzog era pendurado numa corda e os publicitários enchiam o rabo de dinheiro com as migalhas do "milagre" brasileiro, enquanto as cachoeiras de Sete Quedas desapareciam de repente;

Depois eu vi os órgãos genitais do General Figueiredo, sobressaindo em sua sunguinha preta, ele fazendo ginástica, nu, para a nação contemplar, era nauseante ver o presidente pulando a cavalo, truculento, devolvendo o país falido aos paisanos, para nós pagarmos a conta da dívida externa.

Vi, as grandes marchas pelas "diretas" e vi, estarecido, um micróbio chegando para mudar nossa história, um micróbio andando pela rua, de galochas e chapéu, entrando na barriga do Tancredo na hora da posse e matando o homem, diante de nosso desespero.

E eu vi então a democracia restaurada pelo bigodão de Sarney, o homem da ditadura, de jaquetão, posando de oligarca esclarecido;



Vi o fracasso do Plano Cruzado, depois eu vi a volta de todos os vícios nacionais, o clientelismo, a corrupção, a impossibilidade de governar o país, a inflação chegando a 80 por cento num único mês.

Meninos, eu vi as maquininhas do supermercado fazendo tlec tlec tlec como matracas fúnebres de nossa tragédia.

Eu vi tanta coisa, meninos, eu vi a inflação comer salários dos mais pobres a 2% ao dia. Eu vi o massacre de miseráveis pela fome, ou melhor, eu não vi os milhões de mortos pela correção monetária, não vi porque eles morriam silenciosamente, longe da burguesia e da mídia.

Mas vi os bancos ganhando bilhões no over e no spread, dólares no colchão, a sensação de perda diária de valor da vida.

Eu vi a decepção com a democracia, pois tudo tinha piorado, eu vi de repente o Collor vindo de longe, fazendo um cooper em direção a nosso destino, bonito, jovem, fascinando os otários da nação, que entraram numa onda política "aveadada", dizendo: "Ele é macho, bonito e vai nos salvar...".

Eu vi o Collor tascar a grana do país todo e depois a nação passar dois anos "de quatro", olhando pelo buraco da fechadura da Casa da Dinda, para saber o que nos esperava.

Eu vi Rosane Collor chorando porque o presidente tirara a aliança.

Eu vi a barriga de Joãozinho Malta, irmão da primeira-dama, dando tiros nas pessoas, eu vi a piscina azul no meio da caatinga, eu vi depois a sinistra careca de PC juntando o bilhão do butim.

Eu vi Zélia dançando o bolero com Cabral em cima de nossa cara, eu vi a guerra dos irmãos Collor, Fernando contra Pedro e, depois, como numa saga grega, eu vi o câncer corroendo-lhe a cabeça.

Eu vi o impeachment, eu vi tanta coisa, meninos, e depois eu vi, por acaso, por mero acaso, por uma paixão de Itamar, eu vi o FHC chegar ao poder, com a única tentativa de racionalidade política de nossa história num antro de fisiológicos e ignorantes.

E, aí, eu vi a maior campanha de oposição de nossa época, implacável, sabotadora, eu vi a inveja repulsiva da Academia contra ele, eu vi a traição de seus aliados, todos unidos contra as reformas, uns agarrados na corrupção e outros na sobrevida de suas doenças ideológicas infantis.



E agora eu vejo o estranho desejo de regresso ao mundo do atraso, do erro e das velhas utopias. Vejo a direita se organizando para cooptar a oposição, comendo-a, vejo um exército de oligarcas se preparando para a vingança, vejo ACM, Barbalhos e Sarneys prontos para tomar o Congresso de assalto, para impedir qualquer mudança e voltar aos bons tempos da zona geral.

Meninos, vocês viram também, mas acho que esqueceram.

Referências

- ARÃO, Lina. **Carnavalização Em História De Garabombo, O Invisível, De Manuel Scorza**. UFRJ. Rio de Janeiro, 2007
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Hucitec. São Paulo, 2006.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em Torno De Bakhtin**. EUSP. São Paulo, 1999.
- BARSA, Enciclopédia. **Encyclopedia Britânica do Brasil Publicações LTDA**. São Paulo, 2000
- BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. Contexto. São Paulo, 2005
- FARACO, Carlos Alberto. **Interação e linguagem: balanço e perspectivas**. UFPR. São Leopoldo, 2005
- FOLHA ONLINE. **Após três eleições, Lula chega à Presidência da República**. *Folha Online*. 27 out 2002
- JABOR, Arnaldo. **Meninos eu vi**. 15 abr 07. Disponível em: <<http://www.arnaldojabor.blogger.com.br>>. Acesso em 28 mai 08
- JABOR, Arnaldo. **Vale a pena ver de novo a zona geral do país?**. Disponível em: <<http://www.almacarioca.com.br/cro72.htm>>. Acesso em 28 mai 08
- JAKUBOWSKI, Cláudia Deliza. **A interação radiofônica na crônica de Arnaldo Jabor: mediação entre discurso, poder e ideologia**. USP. São Paulo, 2006
- MADEIRA, Ana Maria Gini. **Da Produção À Recepção: Uma Análise Discursiva Das Crônicas De Luis Fernando Veríssimo**. UFMG. Belo Horizonte, 2005



- MARTINS, Cristina de Matos. **Heterogeneidade e polifonia nos labirintos do RolePlaying Game**. USP. São Paulo, 2006
- MENDONÇA, Martha. **O Brasil e o mundo estão na exposição que comemora os 80 anos do jornal O Globo, no Rio**. *Revista ÉPOCA*. Rio de Janeiro. 22 jul 2005
- PACHECO, Enilda. **Arnaldo Jabor**. *Uninter Revista Eletrônica*. 08 mai 2007
- RIBEIRO, Nilza; CARMELINO, Ana. **Quem é melhor na era digital: sobre a produção de sentidos no discurso da mídia**. In: 4º Simpósio de Ensino de Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2006.